

PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO: FOCO NO APRENDIZADO DE INGLÊS

LEARNERS' PERCEPTIONS ON THE IMPACTS OF THE PANDEMIC IN EDUCATION: FOCUS ON ENGLISH LANGUAGE LEARNING

Gabriel Brito Amorim

Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/Brasil).
Professor de Língua Inglesa no Núcleo de Línguas da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/Brasil).
E-mail: gabrielbamorim@gmail.com

Elisa Prado Có

Graduada em Letras - Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/Brasil).
Professora de Inglês no Centro Educacional União de Professores (Vitória/Brasil).
E-mail: elisapc21@gmail.com

Kyria Rebeca Finardi

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis/Brasil).
Professora Associada do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória/Brasil).
E-mail: Kyria.finardi@gmail.com

Recebido em: 18 de abril de 2021

Aprovado em: 1 de julho de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 3 | p. 04-31 | set./dez. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2563>

RESUMO

O estudo analisa os impactos da pandemia da Covid-19 na educação em geral e no aprendizado de línguas estrangeiras, em particular focando nas percepções de aprendizes de inglês. Com esse objetivo, 39 alunos responderam um questionário on-line e 3 deles foram convidados para aprofundar a análise de dados por meio de sua participação em uma roda de conversa virtual com os pesquisadores. Os resultados do estudo sugerem que a pandemia teve um impacto mais quantitativo do que qualitativo na educação em geral e no aprendizado de inglês em particular. A pandemia acelerou e marcou tendências e práticas que já vinham sendo observadas antes, mas de forma incipiente, tais como aprendizado mais autônomo, flexível, focado no aluno, uso de abordagens híbridas e ativas, entre outras. As percepções dos alunos também apontaram efeitos negativos da pandemia sobre a educação como o estresse por excesso de exposição virtual e a falta de concentração e motivação. De maneira geral, concluímos que a pandemia agravou problemas já existentes à medida em que acelerou a transição de práticas para o ambiente virtual sem o devido preparo ao mesmo tempo em que potencializou o desenvolvimento de práticas mais autônomas no contato com outras línguas e culturas por meio da internet.

Palavras-chave: Impactos da pandemia da Covid-19. Percepções de alunos. Aprendizado de inglês.

ABSTRACT

The study analyzes the impacts of the Covid-19 pandemic on education in general and on foreign language learning in particular, focusing on the perceptions of English learners. With this objective, 39 students answered an online questionnaire, 3 of whom were invited to participate in a virtual conversation with the researchers to deepen the analysis. The results of the study suggest that the pandemic had a more quantitative than a qualitative impact on education in general and on learning English in particular. The pandemic accelerated trends that had already been observed in an incipient way before, such as more autonomous, flexible, student-focused learning, use of hybrid and active approaches, among others. The students' perceptions also pointed out negative effects such as stress due to excessive exposure to the virtual environment and lack of concentration and motivation. Overall, we conclude that the pandemic has aggravated existing problems as it accelerated the transition of practices to the virtual environment without adequate preparation while it also enhanced the development of more autonomous practices in the contact with other languages and cultures through the internet.

Keywords: Impacts of pandemic Covid-19. Learners' perceptions. English learning.

1 INTRODUÇÃO

As várias facetas da globalização (GIDDENS, 2000; SANTOS, 2000) e de seus efeitos globais negativos expressos na pandemia (DE SOUSA SANTOS, 2020), ultimamente realçadas no acesso desigual a vacinas e tecnologias da informação e comunicação (TIC) para atenuar efeitos da pandemia, nos convidam a considerar como essa pandemia e a desigualdade agravada por ela impactam a sociedade atual e a futura, por meio da reflexão sobre esses impactos na educação.

Nesse contexto, a sociedade civil e alunos de todos os níveis de escolaridade enfrentam incertezas e desafios para se (re)colocar e (re)conectar na sociedade, que agora é também virtual (para alguns) à medida em que entramos no 2º ano de distanciamento social e ‘aproximação’ virtual no Brasil. No caso da educação de línguas estrangeiras no Brasil, pesquisas já vinham mostrando a importância de aprender inglês e a relevância da internet na ampliação do acesso à informação on-line (por exemplo FINARDI; PREBIANCA; MOMM, 2013) e à educação on-line na forma de cursos abertos e dirigidos a um público amplo, no inglês *Massive Open Online Courses* ou MOOCs, na abreviação no original e doravante (por exemplo FINARDI; TYLER, 2015). Além de realçar o papel do inglês e da internet na ampliação do acesso à informação e à educação em geral, pesquisas já mostravam, antes da pandemia, o potencial de abordagens híbridas no ensino-aprendizado de línguas estrangeiras (por exemplo FINARDI; PREBIANCA; SCHMITT, 2016) sugerindo que essas abordagens, aliadas a metodologias ativas (MORAN, 2018), representavam a tendência para o futuro da educação em geral e do ensino-aprendizado de línguas estrangeiras em particular.

Entretanto, esses alertas e pesquisas pareciam apontar para uma realidade ainda distante da maior parte dos brasileiros que viviam, anacronicamente, uma realidade ainda bem focada em metodologias passivas centradas no professor e no uso de tecnologias analógicas. Tudo isso mudou com a pandemia que impôs a necessidade de repensar a educação da noite para o dia convocando a todos para esse enfrentamento. Da nossa parte, em estudo recente, publicado como Cói, Amorim e Finardi (2020), refletimos sobre o impacto da pandemia no ensino de línguas analisando as percepções de professores de línguas estrangeiras em relação à transição das atividades pedagógicas do ambiente presencial para o virtual nesse contexto. Ao adentrarmos o segundo ano da pandemia e tendo em vista os resultados do estudo supramencionado representando um primeiro esforço dedicado a entender as mudanças impostas pela pandemia no nosso cotidiano, vimos a necessidade de escutar todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizado de línguas estrangeiras para compor uma imagem mais completa do fenômeno observado, qual seja, do impacto da pandemia na educação em geral e no ensino-aprendizado de línguas em particular.

Nesse sentido e com esse objetivo, no presente estudo nos debruçamos sobre as percepções de alunos em relação aos impactos da pandemia na educação em geral, e no aprendizado de língua inglesa em particular durante a pandemia, ou seja, no aprendizado de inglês no formato remoto. Com esse fim, usamos o método misto (CRESWELL, 2007) que combina técnicas e dados quantitativos e qualitativos dentro de um mesmo desenho de pesquisa, para analisar dados quantitativos e qualitativos sobre as percepções de alunos de inglês. O método misto pressupõe que a triangulação de dados quantitativos e qualitativos fornece mais subsídios para a análise sendo que os instrumentos de coleta de dados usados foram um questionário e uma entrevista no formato de roda de conversa, ambos feitos on-line.

Dito isto, neste artigo compartilhamos essa reflexão organizando o texto em três partes: a Introdução (seção 1), a Metodologia (seção 2), onde a escolha do método de coleta e de análise e interpretação dos dados, bem como os procedimentos do estudo, são elencados e justificados e Resultados e Análise (seção 3), onde os resultados são apresentados e discutidos para finalmente trazemos algumas considerações com possíveis implicações para o cenário que se descortina para nós ao adentrarmos o segundo ano da pandemia.

2 METODOLOGIA

Como dito anteriormente, o objetivo deste estudo é investigar as percepções de alunos sobre os impactos da pandemia no aprendizado de inglês. Para isso, um questionário on-line com 14 perguntas foi compartilhado nas redes sociais dos pesquisadores que são professores de inglês de diferentes níveis e faixas etárias com o intuito de analisar o uso de tecnologias digitais para o ensino e aprendizagem de língua inglesa durante a pandemia, sendo respondido por 39 alunos. As respostas ao questionário foram discutidas com um grupo de 3 alunos que também haviam respondido o questionário e que foram entrevistados virtualmente em um formato de roda de conversa virtual a fim de gerar dados qualitativos para triangular na análise.

2.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa está embasada nos fundamentos teóricos da metodologia mista descrita por Creswell (2007) que prevê uso e triangulação de técnicas e dados quantitativos e qualitativos possibilitando uma análise mais abrangente. Os dados quantitativos se relacionam às percepções dos alunos sobre o uso de tecnologias digitais para o ensino e aprendizagem de língua inglesa iniciado durante a pandemia e os dados qualitativos referem-se às crenças e sentimentos dos participantes em relação ao impacto da pandemia no aprendizado de inglês no formato remoto. Um modelo de estudo explanatório sequencial

foi utilizado seguindo C6, Amorim e Finardi (2020) para coletarmos, compilarmos e analisarmos os dados quantitativos e qualitativos, conforme exposto na Tabela 1. O objetivo do m6todo de estudo explanat6rio sequencial 6 usar os dados qualitativos para explicar e expandir a interpreta76o de dados quantitativos que, de certa forma, foram inesperados (CRESSWELL, 2007). Por esse motivo, a coleta de dados 6 feita em momentos distintos, sendo que os dados quantitativos s6o coletados primeiro, seguido da coleta de dados qualitativos. Geralmente, h6 maior 6nfase nos dados quantitativos, por6m, no presente estudo, enfatizamos os dados qualitativos coletados na roda de conversa com os alunos.

Tabela 1: Estudo Explanat6rio Sequencial – Coleta de Dados

Implementa76o	Prioridade	Integra76o
Sem Sequ6ncia Simult6nea	≠	
Quantitativos 1°	Menor	Na interpreta76o dos dados
Qualitativos 2°	Maior	

Fonte: Adaptado de C6, Amorim e Finardi (2020)

2.2 CONTEXTO

Os pesquisadores envolvidos est6o diretamente ligados ao ensino de l6ngua inglesa e 6 forma76o de professores de l6ngua inglesa, seja no ensino b6sico regular, em cursos livres, ou no ensino superior. Assim, a rede de contato dos pesquisadores 6 bem ampla, possibilitando o alcance a um p6blico variado de alunos de l6ngua inglesa para a coleta dos dados da pesquisa. O question6rio, al6m de ter sido compartilhado nas redes sociais dos pesquisadores tamb6m foi enviado a alguns alunos das listas de contatos dos pesquisadores por e-mail e *Whatsapp*.

2.3 INSTRUMENTOS DE GERA76O DE DADOS

Os dados quantitativos foram coletados por meio de um question6rio on-line (AP6NDICE 1) constru6do em um formul6rio on-line *Google Forms* enviado aos participantes, alunos de l6ngua inglesa, via redes sociais, e-mail e *WhatsApp*. O question6rio consistiu em 14 perguntas de m6ltipla escolha com perguntas de respostas curtas com o objetivo de tra7ar o perfil dos respondentes, identificando suas percep76es sobre o impacto da pandemia na educa76o em geral e no ensino de l6ngua inglesa em particular bem como em rela76o ao uso de tecnologias e plataformas digitais para o aprendizado remoto ou on-line durante a pandemia. Um termo de consentimento para divulga76o dos dados da pesquisa foi fornecido eletronicamente a todos os participantes que, por sua vez, o assinaram, sendo suas identidades preservadas. Para a gera76o de dados qualitativos, utilizamos uma entrevista em formato de roda de conversa com roteiro semiestruturado, que ocorreu em formato virtual, na plataforma de reuni6es

Zoom, com a participação de 3 alunos e dos 3 pesquisadores tendo a duração de cerca de 1,5h. A fim de proteger a identidade dos participantes não disponibilizamos o link da roda de conversa tendo optado por transcrever trechos da entrevista para fins de análise.

2.4 PROCEDIMENTOS

Na primeira fase da coleta de dados (quantitativos), enviamos o questionário via e-mail, *WhatsApp* e redes sociais aos participantes e, uma vez finalizada a análise quantitativa das respostas ao questionário, prosseguimos para a fase seguinte (qualitativa). Na segunda fase, convidamos os respondentes do questionário para participar de uma roda de conversa virtual, uma forma de entrevista semiestruturada, a fim de expandirmos a análise feita com base nos dados quantitativos.

Os participantes da roda de conversa estão identificados aqui como A, B e C e receberam o link para acessar a reunião on-line tendo dado consentimento para a gravação do encontro para fins de pesquisa.

As perguntas 8, 9 e 11 do questionário on-line foram selecionadas para expansão durante a roda de conversa, a saber: 8) A que você atribui a sua motivação ou desmotivação com os estudos on-line? 9) Você acha que aspectos psicológicos e emocionais relacionados ao ensino e aprendizado durante o isolamento social podem afetar o aprendizado de línguas? Se sim, como? Como você se viu afetado(a) em relação ao seu estado emocional e ao aprendizado (aspecto cognitivo) nesse formato? 11) Como você avalia que esse(s) sentimento(s) afeta(m) o seu aprendizado da língua inglesa em ambientes virtuais? Além disso, incluímos um pergunta extra sobre os impactos da pandemia na educação em geral e no aprendizado de inglês em particular, qual seja: Qual/quais são o(s) maior(es) efeito(s) e impacto(s) que a pandemia causou sobre 1) a educação em geral e 2) o aprendizado de língua inglesa? Os participantes responderam livremente às perguntas, interagindo entre si e com os pesquisadores durante a roda de conversa.

2.5 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A Participante A é estudante de pré-vestibular na rede privada de ensino e, durante a pandemia fez aulas particulares de inglês on-line. A Participante B é professora de língua inglesa da rede privada no Rio de Janeiro e durante a pandemia estudou inglês on-line em um curso preparatório para prova de proficiência dessa língua. Já o Participante C é aluno de língua inglesa em um curso extracurricular que faz parte de um programa de extensão de uma universidade pública federal do Sudeste onde ele também é estudante universitário em nível de graduação do curso de Ciência da Computação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentamos os dados quantitativos e qualitativos gerados pelo questionário on-line e pela roda de conversa, respectivamente. Em seguida, triangulamos os dados traçando algumas considerações para a discussão do impacto da pandemia na educação em geral e no aprendizado de língua inglesa especificamente.

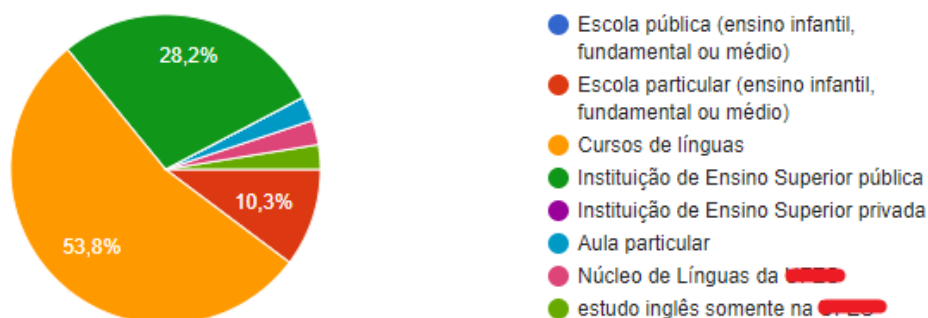
3.1 RESULTADOS QUANTITATIVOS

Os gráficos a seguir mostram os resultados das perguntas objetivas e abertas do questionário on-line de 14 perguntas, sendo 12 perguntas objetivas e 2 perguntas abertas, respondido por 39 pessoas que estudam ou estudaram inglês de forma on-line durante a pandemia. A primeira pergunta tinha como objetivo conhecer o contexto de onde vinham os respondentes e os resultados dessa pergunta estão visualmente expostas no Gráfico 1.

Gráfico 1: Contexto de aprendizado de inglês dos participantes

1. Estudo inglês em/na (responda de acordo com a procedência do questionário, caso estude em mais de um dos locais):

39 respostas

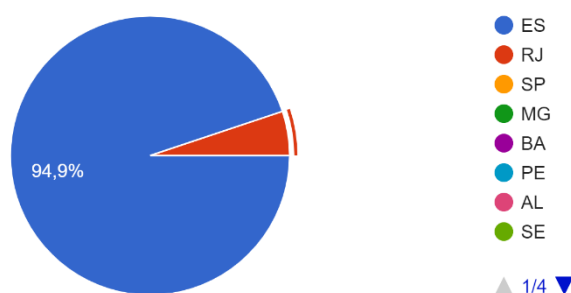


Fonte: Dados da Pesquisa

Conforme podemos ver no Gráfico 1, a maioria dos respondentes (53,8%) estuda inglês em cursos livres de idiomas, seguido de Instituições de Ensino Superior Pública (28,2%) e escolas particulares de ensino regular (10,3%). Dois respondentes identificaram que estudam inglês no Núcleo de Línguas da universidade federal à qual os pesquisadores estão vinculados e apenas 1 participante faz aulas particulares de inglês.

Gráfico 2: Estado Onde Estuda

2. Estado onde estuda:
39 respostas

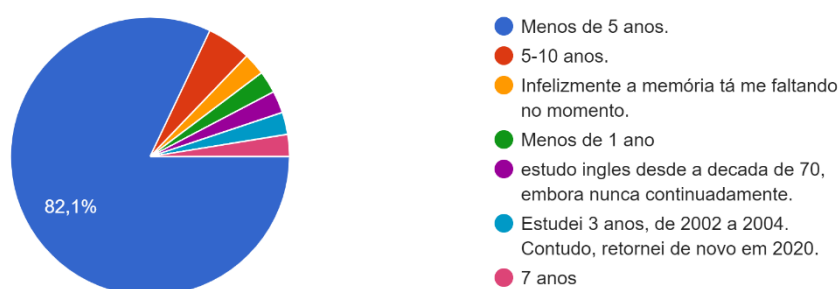


Fonte: Dados da Pesquisa

O Gráfico 2 mostra que a maioria dos respondentes (94,9) moram no Espírito Santo e apenas 2 respondentes pertencem ao estado do Rio de Janeiro, ou seja, todos os respondentes são do Sudeste.

Gráfico 3: Tempo na Instituição

3. Há quanto tempo estuda nessa instituição de ensino?
39 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa

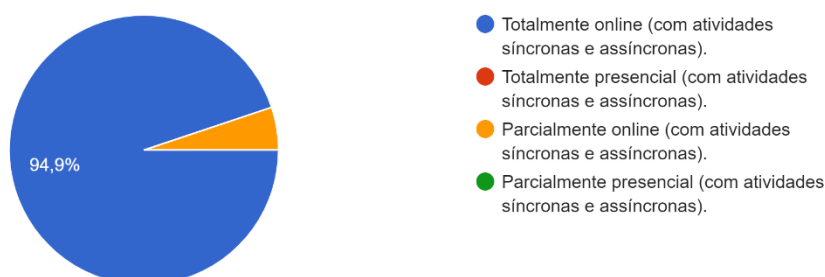
O Gráfico 3 mostra que a maioria dos respondentes (82,1%) estudam naquele local por menos de 5 anos. Dois respondentes afirmam estudar naquela instituição por um período entre 5 e 10 anos. Uma pessoa afirmou estudar inglês desde a década de 70, porém sem continuidade, enquanto que 1 pessoa também afirmou retomar os estudos de inglês (na mesma instituição) no ano de 2020. Uma pessoa afirma estudar naquela instituição por 1 ano e 1 pessoa afirma estudar naquela instituição por 7 anos. Evidencia-

se então que a maioria dos participantes da pesquisa possuem um tempo de estudo considerável e passaram pela transição de aulas em modo presencial para modo virtual durante a pandemia.

Gráfico 4: Modalidade das Aulas de Inglês

4. Como estão as suas aulas de inglês no momento?

39 respostas



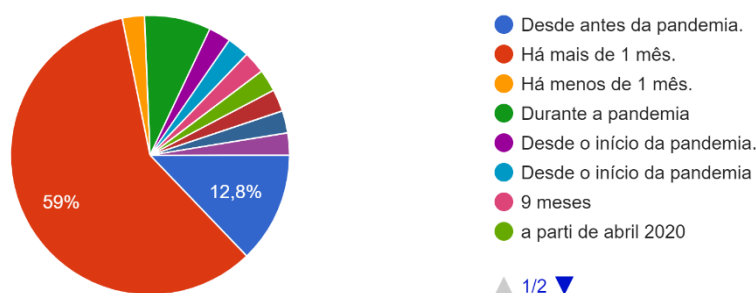
Fonte: Dados da Pesquisa

O Gráfico 4 mostra que a grande maioria dos respondentes (94,9%) está tendo aulas de inglês on-line com atividades síncronas e assíncronas, enquanto que apenas 2 respondentes (5,1%) estão estudando inglês no formato híbrido, ou seja, parcialmente on-line, com atividades síncronas e assíncronas.

Gráfico 5: Tempo de Estudos On-line

5. Há quanto tempo está estudando online?

39 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa

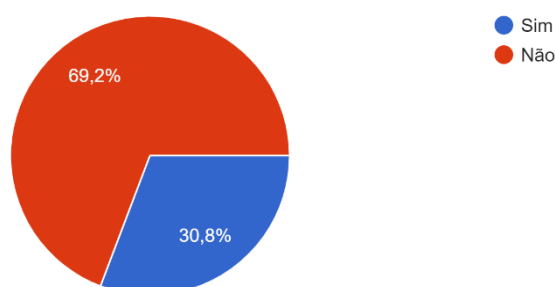
No Gráfico 5, vê-se que um número considerável de respondentes (59%) afirma estudar on-line há mais de um mês, enquanto que 12,8% afirmam estudar na modalidade on-line desde antes da pandemia, e apenas 1 pessoa afirma estar estudando on-line há menos de 1 mês. Todos os demais respondentes

vêm estudando de forma on-line durante o período em que começou a pandemia (março de 2020) até o presente momento.

Gráfico 6: Experiência On-line

6. Você já havia estudado online antes?

39 respostas



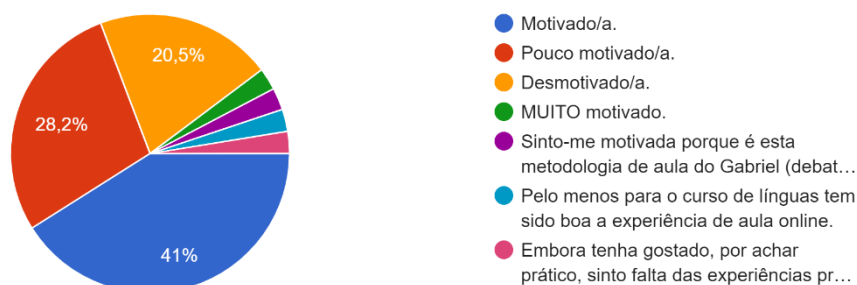
Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com o Gráfico 6, a grande maioria dos respondentes (69,2%) nunca havia estudado on-line antes, enquanto que os demais (30,8%) já haviam estudado on-line. Percebe-se, então, que o perfil dos respondentes é de alunos com experiência em aprendizado de língua inglesa em modo presencial e que eles participaram da transição de presencial para virtual, podendo traçar alguns paralelos entre as duas modalidades.

Gráfico 7: Sentimentos em Relação aos Estudos On-line

7. Como você se sente em relação a esta experiência de estudo online?

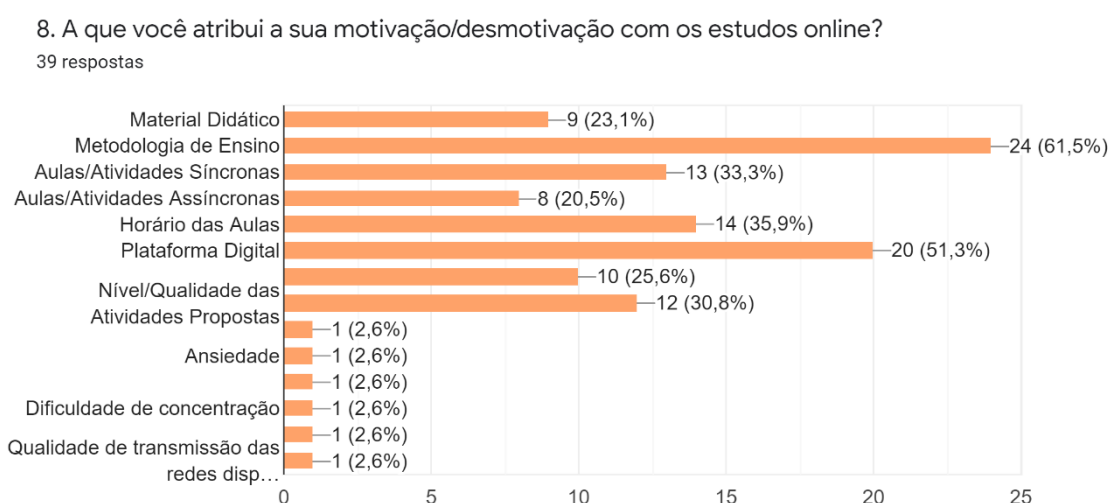
39 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa

Como podemos ver no Gráfico 7, quase a metade ou 41% dos respondentes sentem-se motivados em relação a experiência de estudos on-line. 28,2 % afirmam sentir-se pouco motivados, enquanto que apenas 1 dos respondentes afirmar estar "MUITO motivado". Um dos respondentes afirma estar motivado para as aulas de inglês graças à metodologia do professor, que promovia interação. Outro respondente afirma sentir-se motivado apenas para as aulas de língua inglesa.

Gráfico 8: Motivação/Desmotivação com os Estudos On-line



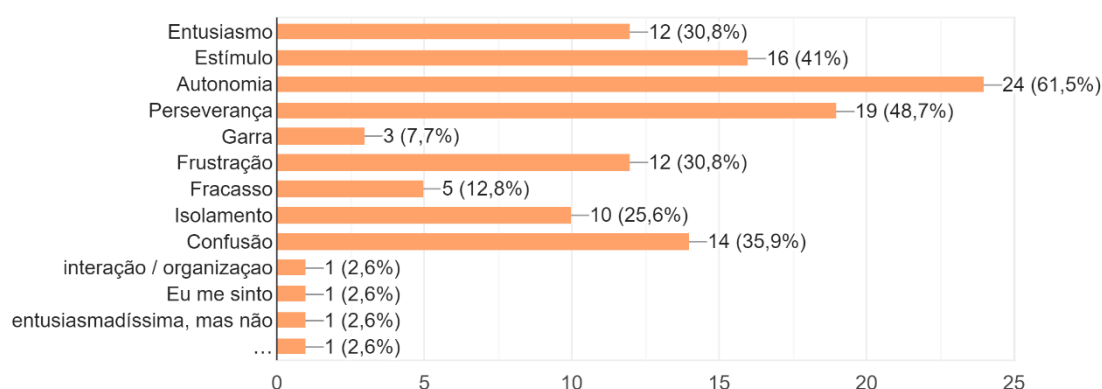
Fonte: Dados da Pesquisa

No Gráfico 8, vê-se que a grande maioria dos respondentes (61,5%) atribui a sua motivação ou desmotivação à metodologia de ensino utilizada pelos professores durante os estudos on-line. Um número considerável de respondentes, mais da metade (51,3%), alega que o fator de motivação ou desmotivação para os estudos on-line foi a plataforma digital utilizada. 23,1% dos respondentes atribuíram sua motivação ou desmotivação ao material didático utilizado nos estudos on-line. Cerca de um terço ou 33,3 % dos respondentes atribuiu sua motivação ou desmotivação às aulas e atividades síncronas, enquanto que 20,5% atribuiu sua motivação ou desmotivação às aulas e atividades assíncronas. Vemos ainda que 35,9% dos respondentes atribuiu o horário das aulas à sua motivação ou desmotivação. Poucos respondentes (2,6%) mencionaram apenas fatores de desmotivação como ansiedade, dificuldade de concentração, e a qualidade da conexão.

Gráfico 9: Sentimento com Relação ao Aprendizado de Língua Inglesa em Ambientes Virtuais.

10. Marque a(s) alternativa(s) que mais representa(m) o(s) seu(s) sentimento(s) com relação ao seu aprendizado de língua inglesa em ambientes virtuais.

39 respostas



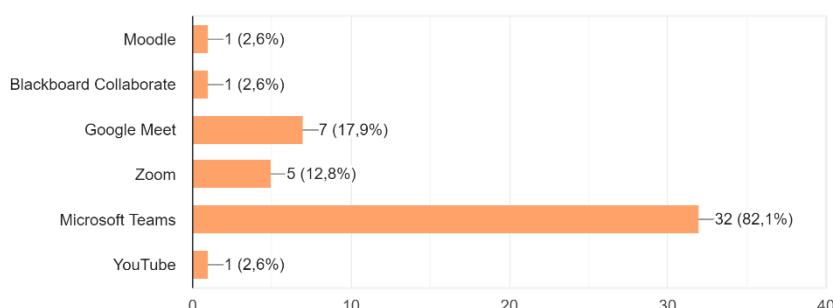
Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com o Gráfico 9, a grande maioria dos respondentes (61,5%) compartilham do sentimento de autonomia em relação ao aprendizado de língua inglesa em ambientes virtuais. A maior parte das respostas apresenta uma atitude positiva em relação ao aprendizado de inglês em ambientes virtuais: 30,8% afirmaram sentir entusiasmo, 41% afirmaram sentir-se estimulados, 48,7% sentiram perseverança. A outra parte dos respondentes demonstrou sentimentos negativos com relação ao ensino de inglês em ambientes virtuais: 30,8% afirmaram sentir frustração, 12,8% afirmaram sentir fracasso, 25,6% sentiram-se isolados e 35,9% sentiram-se confusos.

Gráfico 10: Plataformas Virtuais para Aprendizado de Inglês

12. Qual plataforma ou aplicativo você tem usado no aprendizado de inglês no formato online?
 Selecione a(s) opção(ões).

39 respostas



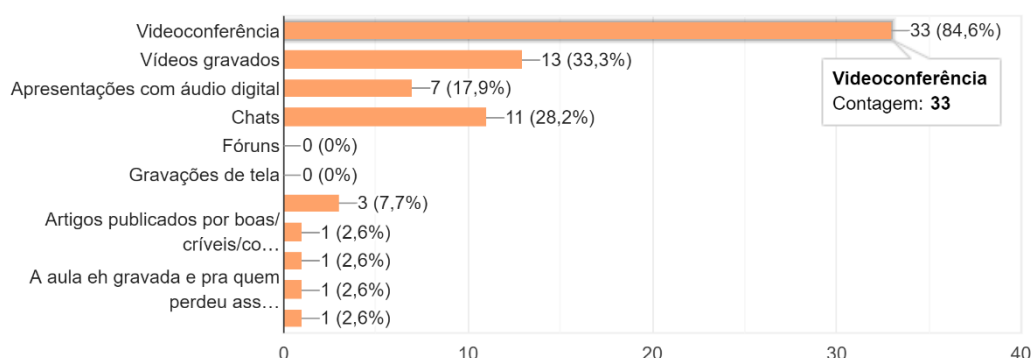
Fonte: Dados da Pesquisa

O Gráfico 10 mostra as plataformas mais utilizadas pelos respondentes para aprender inglês no formato on-line. De acordo com o gráfico, a plataforma mais utilizada é a *Microsoft Teams* (28,1%), seguida do *Google Meet* (17,9%) e do *Zoom* (12,8%). As menos utilizadas (com apenas 1 respondente cada) foram: *Moodle*, *Blackboard Collaborate* e *YouTube*. Um dado interessante para correlacionarmos aqui é a razão de motivação ou desmotivação dos alunos, ou seja, 51,3% dos respondentes relacionam a plataforma escolhida para aprendizado com sua motivação ou desmotivação.

Gráfico 11: Formato Utilizado para Estudar On-line

13. Qual é o formato (chat, fórum, videoconferência, audioconferências, webinars etc) que você mais tem usado para estudar online? Selecione a(s) opção(ões).

39 respostas

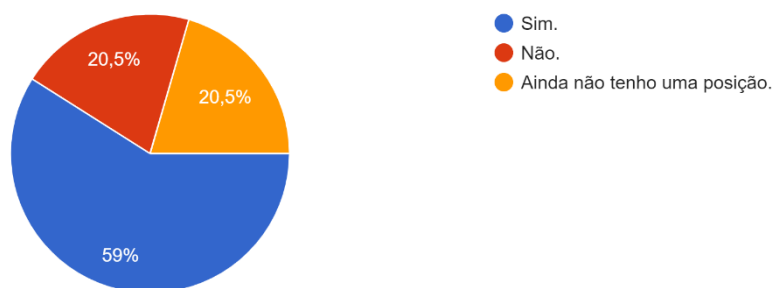


Fonte: Dados da Pesquisa

De acordo com o Gráfico 11, o formato mais utilizado para estudar on-line é videoconferência ou aulas síncronas (84,6%), seguido de vídeos gravados ou aulas assíncronas (33,3%), chats síncronos ou assíncronos (28,2%) e apresentações com áudio digital (17,9%). Alguns respondentes mencionaram ferramentas de escrita colaborativa como *Google Docs* (7,7%) e apenas um respondente mencionou uso de artigos, publicações acadêmicas.

Gráfico 12: Continuidade dos Estudos de Inglês On-line

14. Você pretende continuar estudando a língua inglesa online futuramente?
39 respostas



Fonte: Dados da Pesquisa

O Gráfico 12 mostra que mais da metade dos respondentes (59%) pretende continuar estudando língua inglesa de forma on-line futuramente, 20,5% não pretendem continuar e 20,5% ainda não possuem uma posição.

O formulário on-line também contou com perguntas abertas para que os participantes pudessem expressar suas opiniões e percepções livremente. Na primeira questão aberta (questão 9 – Você acha que aspectos psicológicos e emocionais relacionados ao ensino/aprendizado durante o isolamento social podem afetar o aprendizado de línguas? Se sim, como? Como você se viu afetado(a) em relação ao seu estado emocional e ao aprendizado – aspecto cognitivo – nesse formato?) obtivemos os seguintes resultados:

- A grande maioria concorda que os vários aspectos psicológicos e emocionais relacionados ao ensino/aprendizado durante o isolamento social podem afetar o aprendizado de línguas. Apenas dois respondentes afirmam que não, ou que não se sentiram afetados de forma alguma. Cinco respondentes afirmaram concordar com os impactos do isolamento social no ensino-aprendizado, solidarizando-se, mas também alegaram não se sentir afetados por tais problemas emocionais, expressando uma ideia mais positiva sobre o aprendizado on-line.

- Dos problemas trazidos nas respostas, o mais recorrente é a ansiedade, mencionada em 5 respostas diferentes. Outros problemas recorrentes foram a dificuldade de se concentrar durante as aulas on-line (presente em 5 respostas diferentes) e falta de interação durante as aulas on-line, por exemplo, nas respostas: “o ambiente e as pessoas em torno não contribuem para uma boa aula”, “virtualmente parece que estou sozinho”, “o que mais me afetou foi a falta de interação com os meus colegas”, “Me sinto desmotivado ao aprendizado pois sou uma pessoa sociável e preciso de contato físico”.

Já na segunda questão aberta (questão 11 – Como você avalia que esse(s) sentimento(s) afeta(m) o seu aprendizado da língua inglesa em ambientes virtuais?), observamos os seguintes apontamentos dos respondentes:

- Um aspecto bastante recorrente foi a questão da falta de interação que, de acordo com 6 respondentes, afetou de forma negativa seu aprendizado de língua inglesa em ambientes virtuais, alegando que as práticas on-line não promoveram a participação dos alunos em aula. Um dos aspectos positivos que foram mencionados (em 6 respostas) foi a autonomia e flexibilidade que os estudos on-line proporcionaram. Os respondentes afirmaram que estudar on-line criou oportunidades para desenvolver autonomia enquanto aluno, como também para aprender a gerenciar melhor o tempo de estudos. Um total de 13 respondentes avaliam que sentimentos como ansiedade, frustração, confusão, afetam de forma negativa seu aprendizado de língua inglesa, alegando algumas vezes que o aproveitamento foi muito prejudicado e que não há motivação para entrar nas aulas. No entanto, um número considerável de respondentes (10) mostrou-se positivo com relação aos estudos on-line, afirmando que os motivou a continuar estudando língua inglesa.

3.2 RESULTADOS QUALITATIVOS E ANÁLISE DOS DADOS

A roda de conversa teve como objetivo expandir as respostas do questionário. Como as perguntas foram tiradas do questionário previamente respondido pelos participantes, pudemos aprofundar alguns pontos que permearam as falas dos participantes nas respostas a quatro perguntas (re)feitas durante a roda de conversa, quais sejam: 1) a motivação devido à flexibilidade proporcionada pelos estudos on-line; 2) a desmotivação dada a dificuldade de organização e concentração durante os estudos on-line; 3) diferentes formas de interação; 4) a metodologia utilizada pelos professores como fator motivacional, além de aprofundar mais a questão de como a pandemia havia afetado a educação em geral e o aprendizado de inglês especificamente.

Com relação à flexibilidade proporcionada pelo aprendizado on-line, os participantes concordam que este foi um fator motivacional, já que diferentes horários para as aulas e estudos foram viabilizados no

formato on-line. De acordo com algumas respostas, o ensino de inglês on-line também representou a possibilidade de continuar estudando e interagindo, mesmo durante o período de isolamento social, e também flexibilizou a rotina dos alunos, que tiveram mais tempo, por não precisar deslocar-se até a instituição de ensino. Isso pode ser evidenciado nas falas dos participantes:

Participante A: "sempre adaptava ao meu horário, esse horário de 19:30, 20:00h é melhor então a gente acaba encaixando e aquilo se tornou uma rotina pra mim, entendeu?"

Participante B: "foi bem benéfico pra mim, me ajudou mais do que atrapalhou, gostei muito, eu tinha mais tempo, porque eu não pegava condução, não pegava transporte, não pegava ônibus pra me locomover pro trabalho, me locomover pra pós-graduação, e isso me deu mais tempo livre, me deu mais tempo de estudar (...)"

Participante C: "Eu acho que uma motivação foi realmente uma facilidade da gente poder continuar estudando línguas, continuar aprendendo mesmo estando em casa, porque eu durante a pandemia, eu não fiquei em Vitória, eu fui pra roça, eu fui pra Rio Bananal e lá não tem curso de inglês (...)"

Em relação ao impacto da pandemia na educação em geral, vemos que o formato on-line permite mais flexibilidade, autonomia e protagonismo do aluno na medida em que ele é responsável por fazer e monitorar sua rotina e aprendizado. Certamente, isso ocorre para os que têm acesso às TICs e a espaços próprios para o aprendizado em casa, mas não devemos generalizar nem esquecer que uma parcela significativa da população ainda não tinha acesso às TICs ou a ambientes próprios para o aprendizado em casa antes da pandemia, conforme relatado em Cór, Amorim e Finardi (2020). Nesse sentido, pensamos que a pandemia acelerou a transição para abordagens mais ativas, centradas nos alunos, para a população em geral na medida em que forçou os que não tinham esse preparo, sejam eles alunos ou professores, a buscar alternativas e formas de atuar nesse novo contexto virtual.

Em relação à desmotivação resultante da dificuldade de organização e concentração durante os estudos on-line, os participantes reportaram que o aprendizado on-line contribuiu para intensificar o *multitasking* ou realização de várias tarefas ao mesmo tempo uma vez que em ambientes virtuais os alunos têm maior liberdade para fazer outras tarefas durante a aula (mexer em seus celulares, deixar outras abas abertas no computador, desligar as câmeras para desempenhar outras funções) e no caso específico do aprendizado de línguas estrangeiras, usar o tradutor on-line. Podemos verificar isso na fala dos participantes:

Participante B: "(...) já era maçante presencialmente, porque só tinha 15 minutos de intervalo, eu sou o tipo de pessoa que depois de 1 hora de escutar, ainda mais em inglês,

professores falando em outra língua, meu nível de atenção começa a cair, então assim, depois de 1 hora de ouvir os professores falando sobre o assunto, conversando, e etc., eu já estava com a minha atenção totalmente desfocada, já tava desligando a câmera, já tava fazendo planejamento de aluno, fazendo trabalho pro outro dia, outras coisas além daquilo”.

Participante C: “(...) quando começou esse período, agora com a universidade, tendo aula junto, os dois assim, ao mesmo tempo, eu achei que o (Nome da Escola) saiu um pouco prejudicado, porque por eu trabalhar com computação, e trabalhar no computador, às vezes, durante a aula mesmo, tenho aqueles ‘insights’ e aí abro uma ‘abazinha’, começo a fazer um trabalho, enquanto a aula está rolando, e as vezes é uma coisa que eu não percebo que eu estou fazendo isso, como se eu tivesse... sabe quando você está trabalhando e ai de repente você vai lá e: ‘ ah, lembrei de um negócio’, ai você abre e faz rapidinho? (...)”

Vemos aqui o lado positivo e negativo do *multitasking* promovido pela atuação on-line que pode ser ampliado para outros contextos para além da educação, inclusive para o teletrabalho promovido pela necessidade de distanciamento social. Ao mesmo tempo em que a possibilidade de realizar outras tarefas pode ser motivadora para aqueles que antes da pandemia, nas aulas ou no trabalho presencial, se sentiam desmotivados quando ao terminar uma tarefa tinham que aguardar pela turma/equipe toda, a possibilidade de realizar várias tarefas ao mesmo tempo no ambiente on-line pode ser cansativa e até mesmo desmotivadora na medida em que tira atenção da tarefa principal.

Dois participantes afirmaram sentir falta do contato social e da interação presencial, alegando que no ambiente virtual, a interação ficava prejudicada, com muitos microfones e câmeras desligadas. Nesse sentido, pensamos que na sala de aula presencial, as ‘câmeras’ e ‘microfones’ dos alunos já estavam ‘desligadas’ há algum tempo uma vez que professores reclamavam da falta de motivação/engajamento/ interação dos alunos durante as aulas presenciais (CÓ; AMORIM; FINARDI, 2020). Mais uma vez parece que o problema não é o formato da aula (presencial ou on-line) mas as abordagens/metodologias usadas (vide CÓ; AMORIM; FINARDI, 2020) e nesse sentido argumentamos que a pandemia acelerou o uso de abordagens híbridas e metodologias ativas no ambiente on-line, mas como nem todos os professores mudaram a metodologia, tendo mudado apenas o formato (presencial para on-line), ainda há a percepção de que muitas câmeras e microfones continuam desligados no ensino-aprendizado em ambientes virtuais.

Outro fator importante mencionado em nossos dados foi o fato de as aulas no formato on-line representarem um ‘escape’ do isolamento ao possibilitar a interação com pessoas diferentes das que compartilhavam a mesma moradia durante o isolamento social. Segundo percepções dos nossos

participantes, esses 'escapes' representaram uma forma de se afastar dos problemas psicológicos/emocionais relacionados à interação intensiva e forçada com um pequeno grupo de pessoas, promovido pela necessidade de isolamento social, propiciando a conexão, ainda que apenas virtualmente, com outras pessoas fora do círculo restrito de convivência física. Evidenciamos isso nas falas de:

Participante B: "(...) mesmo com a pandemia, essa questão psicológica não me afetou, muito pelo contrário, me ajudou um pouco a esquecer, a pensar em outra coisa, buscar conhecimento, então por um lado, eu gostei muito, entendeu? (...) me ajudou, na verdade. (...) o conteúdo foi bom, foi uma coisa assim, muito boa, não só para o aprendizado, mas também me ajudou na pandemia, porque era alguma coisa como se fosse um mundo paralelo: aqui você está na pandemia e aqui você tá aprendendo inglês e pensando em outras coisas, tá aprendendo, então assim, pra mim foi uma experiência muito boa".

Participante C: "(...) eu achei que o curso de línguas foi uma coisa bacana de tá acontecendo on-line, (...) por ele proporcionar um diálogo entre pessoas diferentes (...) a gente não saía, a gente ficava o dia todo se vendo e quando a gente conversava era entre nós 4, o tempo todo (família). E aí, o curso de inglês trazer uma possibilidade da gente conversar, assim, outras coisas, as vezes a gente tocava em um assunto um pouco paralelo, sem ser de inglês, ter essa possibilidade de conversar com pessoas diferentes, eu achei que foi bacana".

Apesar de nossos dados terem sido coletados com alunos de inglês, pensamos que esses resultados se relacionam com experiências vividas por todas as pessoas em geral durante a pandemia. Ou seja, pensamos que a interação on-line promovida pela necessidade de isolamento social pode ter servido para 'aproximar' pessoas virtualmente ao mesmo tempo em que as ajudava a se distanciar ou 'desconectar' de seu entorno físico. Isso ficou evidente no relato de um dos pesquisadores cuja família vivia espalhada em outras cidades e países e com os quais a pesquisadora teve contato mais intenso durante a pandemia por meio de 'escapes' virtuais semanais. Pensamos que essa possibilidade de ter experiências locais, globais e virtuais promovidas pela interação em ambientes virtuais é uma realidade que não será abandonada ao fim da pandemia. Dito de outra forma, a pandemia afetou não apenas nossa forma de ensinar e aprender, mas também nossa forma de nos relacionar no e com o mundo.

Em relação à abordagem/metodologia usada durante a pandemia para o ensino de inglês, os participantes desta pesquisa salientaram a possibilidade de variedade maior de práticas e materiais no ambiente on-line. Podemos observar em suas falas:

Participante A: "Eu me sentia motivada porque ela trazia muitos materiais novos nas aulas, não era uma coisa monótona (...) Eu gosto muito de música, eu gosto dos famosos e a gente sempre trabalhava algo que pudesse ser utilizado por uma metodologia... ah,

hoje vamos estudar essa música, variar, fazer atividades sobre, ou diálogos, também gosto bastante, ler nê, e assim, deu certo; eu tive muita motivação também por acabar estudando sozinha, apenas eu e ela”.

Participante B: “(...) tem muito material bom on-line, muito material bom na internet, muito vídeo legal, foi bem bom, eu gostei dessa oportunidade, dessa experiência nova. (...).Eu fazia aulas de CAE (*Certificate in Advanced English*, exame de proficiência de Cambridge), que eu tava estudando pra essa prova de Cambridge, e eu amei não senti nenhuma diferença, porque eu já tive aulas pra essa mesma prova presencial em curso de inglês, (...) não senti diferença, a qualidade não caiu, gostei do mesmo jeito (...) e o legal do on-line é que a gente pode sempre estar trazendo coisas novas, é fácil compartilhar a tela, a gente pode entrar no *YouTube* rapidinho, a gente pode entrar em outros sites, é bem rápido, e a gente pode tá sempre é... aprimorando coisas e trazendo coisas de ontem, por exemplo, porque é tudo bem, fácil né”.

Essa flexibilidade do ensino-aprendizado on-line é algo que pode ser expandido para outros contextos de ensino-aprendizado para além do inglês, mas é preciso atentar para as ressalvas já feitas aqui sobre o acesso às TICs bem como a questões de ordem técnica no uso de TICs. O participante C, apesar de mostrar-se, durante a conversa, intrinsecamente motivado a estudar inglês, relatou alguns problemas técnicos, que dificultaram o ensino-aprendizado de inglês de forma mais direta, relacionado com a dificuldade em visualizar o aparelho fônico durante as aulas, assim como a dificuldade em mostrar a gesticulação, devido ao tamanho da tela, e ao tamanho das imagens da câmera dos participantes em plataformas digitais.

O participante C diz: “Pra mim o estudo de inglês foi muito bom, mas o problema assim que eu tive que, até agora eu não vi uma solução bacana foi o gesto né, você gesticular. Porque, às vezes a gente... eu já tô no inglês 9, lá no (Nome da Escola), e às vezes a gente tá conversando em inglês, tem um conhecimento de vocabulário pra conversar mas esquece uma palavra, e aí você não quer falar mais a palavra em português porque você já é quase um falante, então você vai tentar gesticular, você vai tentar construir ela, só que o gesto não cabe nessa tela totalmente (...)”.

Importante notar neste ponto como o aprendizado on-line, apesar de expandir as possibilidades de interação com falantes do idioma alvo em outros locais, também restringe a comunicação física e por questões de ordem técnica. Em relação à educação em geral, podemos ver como o ambiente on-line também serve como um ‘escape’ limitado uma vez que nem sempre quem está do lado de lá da tela consegue ver/escutar o que está do lado de cá, assim como nem sempre consegue ocultar/silenciar o que está em seu entorno físico, conforme relatado por professores que ao ver cenas constrangedoras dos

alunos com câmeras ligadas, pedem que eles desliguem as câmeras¹ (VERONEZ, comunicação pessoal, 2021).

Além deste problema, o participante C também menciona problemas técnicos que podem afetar o ensino-aprendizado, de forma geral, e não apenas de língua inglesa, como por exemplo, problemas de conexão, imagem e som, como mencionados pelo participante:

Participante C: "Tem também outros problemas, a internet cai, fica tudo borrado enquanto o professor tá apresentando, fica aquele áudio quebrado, todos esses problemas assim que vão acontecendo".

3.3 DISCUSSÃO

A análise dos dados apresentados na seção anterior apontam, de maneira geral e à guisa de sintetização, para quatro pontos centrais, quais sejam: 1) a flexibilidade do aprendizado on-line em relação ao presencial 2) a dificuldade no gerenciamento do tempo e falta de concentração no aprendizado on-line 3) o aspecto positivo ('escape') e negativo (questões técnicas e sociais) da interação no ambiente on-line e 4) questões ligadas à metodologia utilizada.

Os participantes deste estudo se sentem motivados para aprender de forma autônoma, uma vez que o ensino virtual possibilita uma flexibilidade maior de horários, local, etc., mas ainda precisam aprender a gerenciar o seu tempo para cumprir com as tarefas propostas. Os participantes apontam também para a necessidade de lidar melhor com as muitas possibilidades de *multitasking*, como nos lembrou o Participante C.

A queixa da falta de interação nos ambientes virtuais também perpassa uma mudança de paradigma (ensino presencial x ensino virtual ou remoto) sobre que tipo(s) de interação se espera na sala de aula de língua estrangeira. Em Có, Amorim e Finardi (2020), a queixa maior dos professores em relação à dificuldade de interação era por conta das câmeras de vídeo e microfones fechados, também evidenciados no presente estudo. Os alunos estão sentindo falta de socialização, interação ou 'escape'? Como avançar para práticas e interações mais significativas e colaborativas olhando e escutando o outro, seja no formato presencial ou virtual? Como desenvolver autonomia sem perder o foco? Para o professor, como fazer isso sem perder o controle?

¹ Um dos professores em nosso grupo de pesquisa relatou que ao insistir que o aluno ligasse a câmera se surpreendeu com a mãe do aluno passando em trajes íntimos atrás dele, batendo em seus irmãos.

Outro ponto nevrálgico levantado tanto pelos professores no estudo de C6, Amorim e Finardi (2020) quanto pelos alunos na presente pesquisa é a metodologia de ensino adotada, que perpassa outros fatores de impacto como a escolha do material didático, o nível das tarefas propostas e o modelo de curso (síncrono/assíncrono). Pensar em práticas mais ativas que incluam interações colaborativas, participativas, simétricas e menos hierárquicas requer, talvez, um equilíbrio entre atividades pedagógicas síncronas e assíncronas a fim de permitir o desenvolvimento de autonomia e a habilidade de gerenciar o tempo e a concentração na aula por parte dos alunos. Atribuir uma carga horária maior às atividades síncronas garantiria mais qualidade nas interações on-line? Como gerenciar isso em relação ao controle e monitoramento do professor?

A pesquisadora da Universidade de Stanford (EUA), Carol Dweck (2009, 2015, 2016), tem trabalhado com o conceito de *growth mindset* (mentalidade de crescimento/desenvolvimento) e nos revela que as pesquisas em neurociência apontam que a plasticidade do cérebro humano possibilita uma enorme capacidade de mudança ou adaptação. No entanto, isso somente acontece quando há esforço e vontade de se desenvolver novas habilidades em novos contextos. Segundo Dweck (2009), o *growth mindset* propicia uma atitude mais saudável ao lidar com imprevistos e adversidades sendo que duas regras são necessárias para desenvolver *growth mindset*, quais sejam, trabalho e dedicação, dois componentes presentes também nas metodologias ativas de aprendizado (por exemplo MORAN, 2018).

Considerando o cenário atual de pandemia que pode propiciar uma mudança de paradigma como, por exemplo, a transição de abordagens tradicionais centradas no professor durante o ensino presencial para o uso de metodologias ativas e abordagens híbridas ou on-line no ensino virtual remoto, pensamos que um dos requisitos para essa quebra de paradigmas é a mudança de *mindset* (mentalidade) por parte de todos os envolvidos na sociedade e não apenas de professores e alunos. Se vemos a educação como uma estratégia de formação e perpetuação da sociedade, nada mais lógico do que ver os impactos da pandemia na sociedade sendo refletidos na forma como concretizamos e percebemos a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi refletir sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação em geral e no aprendizado de língua inglesa, em particular. A análise dos dados trazidos aqui, em contraste com nossa experiência como professores de inglês imersos na transição do presencial para o virtual, nos faz refletir em como a pandemia acirrou diferenças já existentes (os que têm acesso à educação e às tecnologias e os que não têm), bem como acelerou tendências que já vinham sendo apontadas na literatura sobre ensino e aprendizado de línguas estrangeiras e que previam que abordagens inclusivas

(CASOTTI; FINARDI, 2016) e híbridas que combinam a instrução presencial com a on-line (PREBIANCA; CARDOSO; FINARDI, 2014) e metodologias ativas (MORAN, 2018) focadas no aluno seriam o futuro, que virou presente, para alguns, da noite para o dia.

Tendo em vista resultados de Có, Amorim e Finardi (2020), bem como os desta pesquisa, entendemos que a tecnologia por si só não representa uma inovação significativa na educação já que é possível fazer a transposição de práticas estáticas, unilaterais, hierárquicas e centradas no professor para ambientes virtuais com uso de tecnologias. Nesse sentido, os resultados deste estudo apontam para a necessidade de transição de um *mindset* centrado em práticas lineares, estáticas, hierárquicas e unilaterais do ensino e aprendizado presencial para um *mindset* centrado no uso metodologias ativas de ensino que incorporem o uso crítico de tecnologias para estimular o aprendizado autônomo seja ele no formato presencial, on-line ou híbrido. Dito de outra forma, o importante não é o formato do aprendizado, presencial ou on-line, nem o uso de tecnologias em si, mas o uso crítico de tecnologias e metodologias para apoiar o aprendizado autônomo.

Nesse sentido, entendemos que o aprendizado significativo só se dá se houver uma relação de respeito, reconhecimento e interação onde os “microfones” e “câmeras” possam estar ligados e em sintonia (e sensibilidade) com o contexto social onde professores e alunos estão inseridos já que fatores sociais, emocionais e cognitivos se afetam mutuamente na educação e na construção da realidade e da sociedade.

O desafio é olhar para o entorno e o contexto onde estamos inseridos, bem como para os participantes desse entorno como espaços e agentes de ensino-aprendizado e, nesse sentido, não podemos negar que as “câmeras e microfones” já estavam desligados em muitas salas de aula presenciais antes da pandemia, mostrando que precisamos de metodologias mais ativas para escutar, falar, interagir, para, então, aprendermos o que ensinamos e ensinarmos o que aprendemos, como sugere nossa poetisa Cora Coralina (CORALINA, 2007).

Concluimos então que a pandemia e o uso de tecnologias no ensino on-line não trouxeram nenhuma inovação significativa na educação em si, mas podem significar uma oportunidade de refletirmos em como podemos usar a tecnologia para nos relacionarmos de outra forma no e com o mundo. Dessa forma, buscaremos uma inovação metodológica e sociológica mais do que tecnológica na relação com o outro e com o conhecimento, que passa a ser menos transmissivo, hierárquico, expositivo, para ser mais colaborativo, exploratório, simétrico e participativo.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece apoio do CNPq na forma de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) nível 2.

REFERÊNCIAS

CASOTTI, Janayna B.; FINARDI, Kyria R. Abordagens Inclusivas no Ensino de Línguas: Desafios para a Formação Docente. **Revista (Con) Textos Linguísticos (UFES)**, v. 10, p. 63-76, 2016.

CÓ, Elisa P.; AMORIM, Gabriel B.; FINARDI, Kyria R. Ensino de Línguas em Tempos de Pandemia: Experiências com tecnologias em ambientes virtuais. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 3, p. 112-140, 2020.

CORALINA, Cora. Exaltação de Aninha (O professor). *In*: _____. **Vintém De Cobre: Meias Confissões** de Aninha. 9. ed. São Paulo, Brasil: Global, 2007.

CRESWELL, John W. **O projeto de pesquisa: métodos quantitativo, qualitativo e misto**. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.

DWECK, Carol S. Mindsets: Developing talent through a growth mindset. **Olympic Coach**, v. 21, n. 1, p. 4-7, 2009.

DWECK, Carol. Carol Dweck revisits the growth mindset. **Education Week**, v. 35, n. 5, p. 20-24, 2015.

DWECK, Carol. What having a "growth mindset" actually means. **Harvard Business Review**, v. 13, p. 213-226, 2016.

FINARDI, Kyria R.; PREBIANCA, Gicele; MOMM, Christiane F. Tecnologia na Educação: O caso da Internet e do inglês como linguagens de inclusão. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, p. 193-208, 2013.

FINARDI, Kyria; TYLER, Jhamille. The Role of English and Technology in the Internationalization of Education: Insights from the analysis of MOOCS. *In*: 7th International Conference on Education and New Learning Technologies, 2015, Barcelona. **Edulearn15 Proceedings**. Barcelona: IATED, 2015. v. 1. p. 11-18.

FINARDI, Kyria; PREBIANCA, Gicele V. V.; SCHMITT, Jeovani. English distance learning: possibilities and limitations of MEO for the Flipped Classroom. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 16, p. 181-208, 2016.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.) **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 35-76.

PREBIANCA, Gicele V. V.; CARDOSO, G.; FINARDI, Kyria R. Hibridizando a Educação e o Ensino de Inglês: Questões de inclusão e qualidade. **Revista do GEL**, v. 11, p. 47-70, 2014.

ROSS, Andrew F.; DISALVO, Mary L. Negotiating displacement, regaining community: The Harvard Language Center's response to the COVID-19 crisis. **Foreign language annals**, v. 53, n. 2, p. 371-379, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO

Questionário Sobre Percepções de Alunos Sobre Ensino de Inglês em Plataformas Digitais/Virtuais

A situação excepcional de pandemia mundial que vivemos atualmente impulsionou muitos educadores e instituições a implementar o uso de plataformas digitais para o ensino de línguas estrangeiras. Dessa forma, gostaríamos de conhecer suas percepções sobre o seu aprendizado e como sua parte psicológica/emocional impactou seu aprendizado. Para tanto, pedimos que responda o questionário abaixo que não levará mais de 10 minutos. Desde já agradecemos a sua participação.

CONSENTIMENTO INFORMADO: Ao responder este questionário, eu autorizo os pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo a usar minhas informações pessoais para fins de pesquisa, de forma confidencial, para a proteção de dados pessoais e garantia de direitos digitais.

De acordo

1. Estudo inglês em/na (responda de acordo com a procedência do questionário, caso estude em mais de um dos locais):

Escola pública (ensino infantil, fundamental ou médio)

Escola particular (ensino infantil, fundamental ou médio)

Cursos de línguas

Instituição de Ensino Superior pública

Instituição de Ensino Superior privada

Outros: Especificar _____

2. Estado onde estuda:

3. Há quanto tempo estuda nessa instituição de ensino?

Menos de 5 5-10 Outros:

4. Como estão as suas aulas de inglês no momento?

Totalmente on-line (com atividades síncronas e assíncronas).

Totalmente presencial (com atividades síncronas e assíncronas).

Parcialmente on-line (com atividades síncronas e assíncronas).

Parcialmente presencial (com atividades síncronas e assíncronas).

Outros:

5. Há quanto tempo está estudando on-line?

Desde antes da pandemia

Há um mais de 1 mês

Há menos de 1 mês

Outros:

6. Você já havia estudado on-line antes?

Sim

Não

Outros:

7. Como você se sente em relação a esta experiência de estudo on-line?

Motivado/a.

Pouco motivado/a.

Desmotivado/a.

Outros:

8. A que você atribui a sua motivação/desmotivação com os estudos on-line?

Material Didático

Metodologia de Ensino Aulas/Atividades Síncronas

Aulas/Atividades Assíncronas

Horário das Aulas

Plataforma Digital

Dificuldade/Familiaridade com Tecnologias Digitais

Nível/Qualidade das Atividades Propostas

Outros:

9. Você acha que aspectos psicológicos e emocionais relacionados ao ensino/aprendizado durante o isolamento social podem afetar o aprendizado de línguas? Se sim, como? Como você se viu afetado(a) em relação ao seu estado emocional e ao aprendizado (aspecto cognitivo) nesse formato?

10. Marque a(s) alternativa(s) que mais representa(m) o(s) seu(s) sentimento(s) com relação ao seu aprendizado de língua inglesa em ambientes virtuais.

Entusiasmo Estímulo Autonomia Perseverança Garra

Frustração Fracasso Isolamento Confusão

Outros:

11. Como você avalia que esse(s) sentimento(s) afeta(m) o seu aprendizado da língua inglesa em ambientes virtuais?

12. Qual plataforma ou aplicativo você tem usado no aprendizado de inglês no formato on-line? Selecione a(s) opção(ões).

Moodle Blackboard Collaborate Google Meet Zoom Microsoft Teams

Outros:

13. Qual é o formato (chat, fórum, videoconferência, audioconferências, webinars etc) que você mais tem usado para estudar on-line? Selecione a(s) opção(ões).

Videoconferência

Vídeos gravados

Apresentações com áudio digital

Chats

Fóruns

Gravações de tela

Ferramentas de escrita colaborativa como o Google

Docs

Outros:

14. Você pretende continuar estudando a língua inglesa on-line futuramente?

Sim

Não

Ainda não tenho uma posição.